

# O acto ilocutório de convite no discurso infantil

Rui Ramos

rlramos@iec.uminho.pt

Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho

## Résumé

Cette étude présente quelques caractéristiques de la structure et du fonctionnement de l'acte illocutoire d'invitation entre des enfants (entre les sept et les onze ans). Il fait une brève révision d'études pertinentes sur cet acte en termes généraux, insistant en particulier sur son caractère foncièrement interlocutif, et analyse des aspects centraux des productions recueillies en situation simulée (les participants simulent librement un acte d'invitation au téléphone).

L'étude conclut que ces enfants dominent les procédés linguistiques pour structurer l'invitation, y inclus les pré-actes et l'indirection caractéristique, et les inférences nécessaires pour son succès. Mais elle montre aussi qu'ils n'ont pas encore acquis quelques compétences sociales associées à l'invitation.

Palavras-chave : Acto ilocutório, Competência comunicativa, Convite, Crianças, Pragmática

## 1 – Apresentação

Este estudo pretende dar conta de dimensões da estrutura e funcionamento do acto ilocutório de convite no discurso entre crianças. Usa como *corpus* de análise um grupo de cinco discursos produzidos por pares de crianças (dos sete aos onze anos) em situação simulada, isto é, os intervenientes têm consciência de estar a simular um convite, ao telefone, e de os seus discursos estarem a ser gravados. Nessas trocas conversacionais, ao falante A foi dada a instrução de fazer um convite ao falante B. Em três dos casos, este foi secretamente instruído no sentido de recusar<sup>1</sup>.

Apresentará, inicialmente, alguns breves apontamentos sobre o acto em referência para, em seguida, descrever e analisar alguns aspectos da sua organização e do seu funcionamento discursivo, considerando-o nas suas dimensões sequenciais e interactivas,

---

<sup>1</sup> Em anexo, apresentam-se as transcrições respectivas. Foram feitas as correcções sintácticas necessárias à adequada compreensão e foram ignorados aspectos da prosódia, alheios ao presente estudo.

tendo em conta as especificidades dos interlocutores que produzem as construções discursivas citadas.

## 2 – Dimensões básicas do acto ilocutório de convite

**2.1** – J. Searle ((1979) 1982) inclui o verbo “convidar” na classe dos directivos. Contudo, o sentido em que Searle usa este verbo parece ser diferente do que aqui se configura: trata-se, naquele caso, do quadro de “convidar alguém a fazer alguma coisa”, pertencendo portanto ao campo arquilexemático de “aconselhar”, “sugerir”, etc<sup>2</sup>. No caso presente, “convidar” actualiza o quadro conceptual orientado para o alocutário, mas tentando levá-lo a efectuar algo com o locutor, que assume igualmente, pela formulação do convite, o compromisso de se envolver na execução de uma acção futura.

M. Hancher (1979), por seu lado, critica a classificação que Searle faz de “convidar”<sup>3</sup> e classifica os convites como actos pré-cooperativos, incluindo-os, a par das ofertas e das apostas, entre os actos directivos comissivos, dado o carácter híbrido que apresentam<sup>4</sup>. A sua dimensão directiva resulta do referido apelo ao alocutário, no sentido de este alterar os seus planos de acção de acordo com as intenções do locutor, expressas no conteúdo proposicional do enunciado; a dimensão comissiva corresponde ao também citado assumir de um compromisso por parte do locutor, que manifesta intenção de se envolver numa determinada acção futura.

Hancher conclui que o complexo ilocutório dos comissivos directivos envolve necessariamente algum tipo de réplica por parte do alocutário. Também para B. Conein, o convite (tal como outros actos ilocutórios) «est une activité qui implique un échange social requérant deux participants, et également un certain type d'énoncé appelant une réplique» (1986: 112); portanto, haverá que considerar todo o jogo dialógico que envolve um acto iniciativo e um acto réplica (convite e aceitação ou recusa, com eventuais segmentos

---

<sup>2</sup> Searle afirma: «Le but illocutoire de ces verbes consiste dans le fait qu'ils constituent des tentatives (...) de la part du locuteur de faire faire quelque chose par l'auditeur. Il peut s'agir des tentatives très modestes, comme vous inviter à le faire, ou vous suggérer de le faire, ou bien des tentatives très ardentes comme insister pour que vous le fassiez» ((1979) 1882: 53).

<sup>3</sup> Hancher afirma que Searle «classes inviting as a directive; and 'when I invite you to do' something, I am indeed trying to direct your behavior. But more than that is involved. If I invite you to my party and then refuse to let you in, you will normally have grounds to object. The reason for this is that *an invitation is not only a directive but also a commissive*: it commits the speaker to do a certain course of behavior himself» (Hancher, M., 1979: 6).

<sup>4</sup> «Offering, tendering, bidding, inviting, volunteering, and formal challenging are all hybrid speech acts that combine directive with commissive illocutionary force. (...) Let us call them *commissive directives*» (Hancher, M., 1979: 6).

discursivos intercalados), haverá que o examinar nas suas dimensões sequenciais (“par adjacente”).

**2.2** – O convite assume uma orientação presente-futuro do estado de coisas evocado no conteúdo proposicional e uma avaliação positiva desse estado de coisas: é sempre um acto em favor do alocutário. Tal facto inscreve-o entre os que são marcados por *delicadeza positiva* (Brown e Levinson, 1978), na medida em que valoriza a imagem do alocutário, alvo do convite. Convidar alguém para alguma coisa manifesta, por parte do locutor, apreço pelo alocutário, por algum tipo de qualidade que implicitamente lhe é reconhecido, é portanto um acto orientado para a sua face positiva.

Mas um convite é também, potencialmente, um acto ameaçador da face negativa deste<sup>5</sup>, do seu território, na medida em que está envolvida uma dimensão directiva. Mais: o alocutário ficará, de alguma forma, e pelas razões acima apontadas, “devedor” do locutor, e assim constrangido a revelar gratidão. Em alguns casos, para diminuir este constrangimento, o locutor poderá minimizar os méritos resultantes do convite, assim como eventuais custos para si; se o caso for o oposto, o locutor poderá usar outras estratégias para reforçar o valor do acto em referência. Tais estratégias podem concretizar-se em segmentos discursivos preparatórios do convite ou reformulações do mesmo, se a réplica não for a aceitação. As intervenções preparatórias visam assegurar ao locutor que eventuais resistências ou recusas estarão ultrapassadas, servindo portanto como estratégias de reforço da possibilidade/probabilidade de sucesso do convite; as reformulações resultarão da percepção do locutor de alguma espécie de desadequação do seu conteúdo ou da sua formulação<sup>6</sup>. O uso de tais estratégias indicia um conhecimento, por parte do locutor, do par adjacente convite-aceitação como unidade prototípica da conversação (cf.: Fonseca, J., 1994a) – «sendo que este conhecimento permite ao locutor preparar o seu discurso na base de esquemas de acção previsíveis a partir daquele conhecimento» (Almeida, 1998: 119).

**2.3** – J. Davidson (1984) agrupa os actos de convite, oferta, pedido e proposta com base no tipo de organização sequencial em que se inscrevem, pois envolvem necessariamente uma réplica do alocutário, instigado a manifestar-se, e condicionam a

---

<sup>5</sup> Na designação de Brown e Levinson (1978), “Face Thretning Acts”.

<sup>6</sup> «Given either the potentiality or actuality of rejection, the producer of an invitation or offer may then issue some subsequent version of his or her invitation or offer to attempt to deal with this potential or actual rejection» (Davidson, 1984: 103).

orientação da réplica, na medida em que seleccionam uma sequência preferida (como foi referido acima, a aceitação), facto que, pressupondo uma pertença a universos culturais comuns aos interlocutores, decorre de valores e normas dominados por ambos.

Dessa pertença partilhada decorre a percepção de que o convite constitui um acto tipicamente orientado para a face positiva do alocutário, levando-o a agradecer, manifestando expectativas positivas face ao estado de coisas futuro sobre o qual incide o convite e apreço pelo locutor. Tal atitude do alocutário estará igualmente ao serviço da anulação da dimensão ameaçadora que o convite comporta (referida acima). Aceitando-o e/ou agradecendo-o<sup>7</sup>, o alocutário reconhece mérito no convite, outorgando assim ao seu autor legitimidade para realizar um acto com a dimensão directiva referida. Pode ainda incorporar no seu discurso manifestações de modéstia, mais ou menos sinceras, para que não seja excessivamente exaltada a sua face positiva, facto socialmente condenável.

Mas o movimento que envolve o agradecimento é duplo: se o alocutário agradece ser alvo do convite, cabe ao locutor agradecer a aceitação deste, num complexo trabalho de figuração, marcando tanto quanto possível o carácter não contingente do acto ilocutório, reconhecendo ao alocutário a liberdade elementar de decidir da sua aceitação ou recusa e, assim, diluindo a dimensão directiva que aquele acto comporta.

Por seu lado, a recusa é tipicamente acompanhada de sequências justificativas, na medida em que é claramente ameaçadora da face positiva do autor do convite. Estas sequências podem concretizar-se em justificações e/ou pedidos de desculpas expressos. Desta forma, o interlocutor que recusa o convite permitirá ao seu autor evitar perder a sua face positiva, pelo reconhecimento do mérito do acto, mas apontando, frequentemente, circunstâncias inultrapassáveis que o impedem de responder afirmativamente.

Por vezes, a reacção ao convite não é definitiva e dá lugar a aceitação ou recusa fraca. Esta pode estar ao serviço de estratégias de modéstia do convidado, pelo encarecimento do esforço/dispêndio/mérito do convite, configurando-se como não merecedor de tais atenções; a indecisões de vária ordem, o que pode manifestar dúvidas sobre a bondade das intenções do autor do convite; a simples convenções sociais, etc. Esta reacção pode constituir uma estratégia para levar o locutor a reforçar ou a negociar o convite. Trata-se de mais uma característica que atesta o cariz negocial que envolve este tipo de actos ilocutórios, o que sublinha a necessidade de considerar os actos ilocutórios,

---

<sup>7</sup> «Regularmente, a aceitação de um convite compreende uma forma de agradecimento e, por vezes, a sua formulação substitui a declaração de aceitação, implicando-a» (Almeida, 1988: 221).

no seu geral, nas suas dimensões sequenciais e interactivas, e não somente formalizados em esquemas unidireccionais e redutores.

**2.4** – Outra característica comumente verificada na realização do acto em estudo reside na sua formulação em modo indirecto. Excluindo algumas situações formais em comunicação escrita, onde o performativo “convidar” surge explicitamente na superfície textual<sup>8</sup>, a mais frequente formulação é a que corresponde a um acto literal de pergunta. Segundo B. Conein (1986), esse facto manifesta claramente o valor da réplica (e, portanto, da participação activa do alocutário) na descodificação do valor ilocutório em causa.

### **3 – Estrutura e funcionamento do acto ilocutório de convite entre crianças**

**3.1** – Não são frequentes, em Portugal, os estudos com fundamentos linguísticos sobre o desenvolvimento da linguagem que configurem a aquisição de competências comunicativas por crianças para lá da primeira infância. Contudo, uma análise alargada deste acto ilocutório, assim como de outros que adquirem papel central nas interacções sociais de crianças (entre si e/ou com adultos), poderia produzir informação fundamentada para se compreender melhor os processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem, em particular se forem considerados objectivos comunicativos e não somente competências estritamente linguísticas.

O *corpus* em análise, ainda que consideravelmente restrito, mostra algumas regularidades a sublinhar.

**3.2** – No referido *corpus*, encontra-se uma intervenção preparatória do acto de convite no início da interacção, servindo para evocar um estado de coisas que reforça a possibilidade de sucesso:

#### **Situação 1 (registo nº 4)**

- (1) A – Estou?
- (2) B – Quem fala?
- (3) A – Ah... é o teu amigo Pedro.
- (4) B – Diz, Pedro.
- (5) A – Olha, eu hoje estou em casa sozinho e telefonei-te para ver se tu querias vir comigo à casa da Botica, ver a feira do livro.

Antes de realizar o acto de convite, o locutor prepara o sucesso do mesmo, lembrando que é o «*amigo* Pedro» e que está em casa sozinho, evocando implicitamente os laços que os unem (e da amizade decorrem compromissos de solidariedade e entreajuda) e um estado de coisas pouco agradável, que o seu interlocutor pode ajudar a modificar, aceitando o convite. A competência argumentativa demonstrada fundamenta-se sobre a suposição de partilha de experiências, com vista intensificação da força ilocutória do acto e, assim, ao seu sucesso futuro.

Acresce que o autor do convite não afirma que, seja este aceite ou não pelo seu interlocutor, realizará o acto sozinho. Pelo contrário, a ausência de referência a essa possibilidade orienta as expectativas em sentido oposto, pelo que uma recusa, além de negar a companhia, se aproxima do impedimento prático de o locutor realizar a tarefa sozinho. Este estado de coisas repete-se, com variantes, nos registos n<sup>os</sup> 1 e 2. No primeiro caso, o locutor afirma que vai ao cinema e depois convida o seu interlocutor (sequências 5 a 7). Contudo, a forte insistência no convite e o facto de o locutor afirmar que já telefonou a todas as amigas, tendo obtido respostas negativas, sugerem a impossibilidade ou o simples desagrado em realizar a tarefa (ir ao cinema) sem companhia. No segundo caso, a impossibilidade / o desagrado são verbalizados pelo autor do convite (sequência n<sup>o</sup> 19). Nos registos n<sup>os</sup> 3 e 5, o convite é para uma festa de anos e envolve, naturalmente, outras pessoas, pelo que a possibilidade apontada não se levanta.

**3.3** – Como foi referido, o convite concretiza-se frequentemente em actos literais de pergunta. A “situação 2” é disso exemplo<sup>9</sup>:

**Situação 2** (registo n<sup>o</sup> 2)

- (1) A – Estou, é a Sandra que fala?
- (2) B – É.
- (3) A – Olha, queres vir comigo ao cinema?

São identificáveis igualmente actos literais de asserção com valor derivado de convite:

---

<sup>9</sup> Como os convites de casamento, por exemplo.

### Situação 3 (registo nº 3)

- (1) A – Estou?
- (2) B – Estou.
- (3) A – Ah... quem é que fala?
- (4) B – É a Patrícia.
- (5) A – Olha, era para saber se podes ir à minha festa de anos.

A “situação 3”<sup>10</sup> mostra, a par da desactualização temporal do Imperfeito em «era», ao serviço da manifestação de cortesia, o uso, com valor modal deôntico, do verbo “poder”, pelo que o enunciado parece remeter, em primeira instância, para a liberdade do interlocutor. De facto, será conveniente lembrar que os intervenientes nesta troca são crianças, dependentes de autorizações dos pais para muitas das suas acções sociais, e o locutor manifestará implicitamente esse conhecimento. Aliás, as figuras da mãe e do pai surgem em todos os registos (cf.: 3.4). O uso deste verbo sugere igualmente que, do ponto de vista do locutor, o alocutário não recusaria o convite se estivesse em situação de liberdade absoluta, o que pode traçar algumas linhas esclarecedoras sobre os valores e preferências destas crianças.

Mas o verbo “querer” surge igualmente no *corpus*, em enunciados nos quais o locutor inquire o alocutário sobre a sua vontade em aceitar o convite que formula. Aliás, este verbo é o mais frequente nos enunciados que formalizam o convite. O seu uso desloca a focalização do acto do “eu” para o “tu”: em vez do “eu convido-te”, o locutor inquire “tu queres...?”, envolvendo fortemente o alocutário na troca e “exigindo” uma resposta/réplica, efeito parcialmente devido ao uso da estrutura interrogativa.

O performativo “convidar” não surge enquanto tal, na realização de actos ilocutórios que poderiam ser entendidos como declarações, mas ocorre no quinto registo:

### Situação 4 (registo nº 5)

- (1) A – Estou? Quem fala?
- (2) B – Olá, Rita. É a Bárbara. Estou-te a telefonar neste momento porque quero convidar-te para a minha festa de anos.

---

<sup>9</sup> Uso semelhante ocorre no registo nº 1 (sequência nº 7).

<sup>10</sup> Cf.: “Situação 1”.

Assim, o falante realiza, tal como foi ilustrado acima, um acto derivado de convite através de um acto literal de asserção, realizando o que afirma pretender fazer.

**3.4** – Sendo a sequência preferida do convite a aceitação, ela não se verificou neste *corpus* sem a autorização superior – da mãe. Esta figura serve igualmente de refúgio ao convidado, quando se trata de o recusar. A este respeito, há que sublinhar que, sabendo as crianças que estavam a realizar simulações, interiorizaram de tal forma o jogo do “faz de conta”, que vários dos convidados actualizaram na troca linguística a presença dos pais:

**Situação 5** (registo nº 3)

- (5) A – Olha, era para saber se podes ir à minha festa de anos.  
(6) B – Ai, não sei, ainda vou ter de perguntar à minha mãe.  
...  
(11) A – Olha, pergunta-lhe já para eu saber. Está bem?  
(12) 6 – Está bem. Ó mãe [risos] posso ir à festa da Cláudia?  
(13) B (mãe) – Podes.  
(14) B – Ó Cláudia, olha, posso ir.

Nesta circunstância, a réplica imediata não permitia antever uma recusa; nos casos em que esta surge, a réplica inicial do alocutário permite desde logo indiciar essa acção. Contudo, mesmo quando não há autorização da mãe e/ou do pai, não deixa de haver argumentação e insistência, seja com a convidada, seja com os progenitores – do autor do convite, ou mesmo do pai deste<sup>11</sup>.

**3.5** – Em alguns casos, a recusa é imediata e peremptória, sem qualquer preocupação com trabalho de figuração, sem concessões à delicadeza, apresentando mesmo desculpas variadas e não coerentes entre si:

**Situação 6** (registo nº 2)

- (3) A – Olha, queres vir comigo ao cinema?  
(4) B – Não.  
(5) A – Porque é que não vens?  
(6) B – Porque, olha não me apetece, sabes. A minha mãe dói-lhe muito a cabeça. Não quero.

---

<sup>11</sup> Cf.: Registo nº 1.



Noutros casos, desenvolvem-se desde o início movimentos justificativos:

**Situação 7** (registo nº 1)

(5) A – Eu vou, eu vou ao cinema.

(6) B – Sim.

(7) A – Queres ir comigo?

(8) B – Não, não posso.

Como pode verificar-se, a pergunta constrói-se sobre uma dimensão volitiva (“Queres...?”) e a resposta remete para a modalidade deôntica (“Não posso”), o que permite leituras implícitas do tipo “Se pudesse, iria”, salvaguardando a face positiva do autor do convite.

Em algumas circunstâncias, estas leituras são explicitadas pelo receptor do convite, fazendo parte do complexo de justificações que acompanha a recusa:

**Situação 8** (registo nº 5)

(14) B – Eu sei, Bárbara, que a tua festa vai ser muito divertida, também gostava de ir, claro, mas olha, acho que vai ser difícil.

...

(20) B – Pois, eu gostava de ir à tua festa.

...

(28) B – Sabes, mas olha, eu gostava de ir, pronto!

...

(87) B – Gostava mesmo de ir à tua festa de anos, não é? Mas olha, paciência! É assim... é assim...

É apresentada pelo menos uma razão para a recusa como força superior à do falante, que o impede de aceitar o convite. Em todos os registos é evocada a não autorização dos pais como razão de força maior, mas são invocados igualmente outros motivos<sup>12</sup>:

**Situação 9** (registo nº 1)

(8) B – Não, não posso.

---

<sup>12</sup> Cf.: “Situação 10”, por exemplo.

- (9) A – Olha, é... é o Titanic.  
(10) B – Mas eu não posso, estou doente.  
(11) A – Olha, eu também estou rouca, como deves estar-me a ouvir, e... e vou na mesma.  
(12) B – Mas a minha mãe não me deixa sair de casa.

**3.6** – Num dos registos, o locutor parece perceber que está perante uma recusa fraca e insiste, reformulando o convite várias vezes, até obter a resposta desejada:

**Situação 10** (registo nº 2)

- (7) A – Ó, anda lá, anda comigo...  
...  
(11) A – E... que tal se fôssemos ver outro?  
...  
(13) A – Diz... para um que tu gostes muito.  
...  
(15) A – O Rato Adormecido? Então podemos ir ver esse.  
...  
(19) A – Eu não posso ir sozinha assim, não gosto de ir sozinha, sabes? Anda lá, anda comigo.  
...  
(23) A – Eu até convencia a tua mãe e tudo... Anda lá!  
...  
(31) A – Ah... o filme acaba cedo, demora pouquinho... Anda lá!  
...  
(35) A – Ó, vais ver! É... também, quando tu me convidares, assim, também não vou. Anda, por favor.  
...  
(77) A – Ai, não interessa o preço, eu pago.  
...  
(129) A – Olha, eu vou-te aí buscar, tu vais ver se vais ou não vais. Olha, também podes convidar um rapaz que tu gostes, ou assim qualquer coisa, está bem?

Esta situação permite vários tipos de comentários. Por um lado, é patente o carácter negocial do acto em questão, pela evocação de múltiplos argumentos e estratégias, nomeadamente o facto de, sem acompanhante, a falante A não poder realizar o acto futuro para o qual convida a falante B – o que tornaria esta responsável não só pelo desprazer da

falta de companhia, mas mesmo pela impossibilidade de a sua amiga realizar o acto sozinha; pelo incarnar do papel de vítima; pela formulação de ameaças, etc. Por outro lado, mostra uma situação que o locutor parece ter entendido como de recusa fraca, tendo adoptado uma estratégia de reformulação até obter a resposta esperada.

Noutros casos, e reacção à recusa passa por outras estratégias de persuasão: no registo nº 1, se a recusa se baseia num estado de doença, o locutor evoca a sua rouquidão para desvalorizar aquele argumento<sup>13</sup>; e quando surge a figura da mãe da convidada, proibindo a saída, é evocada a da mãe da autora do convite, restabelecendo (ficticiamente) a comunicação entre interlocutores “autorizados”; em seguida, constatada a impossibilidade de vencer aquele obstáculo, a mãe da convidada dá lugar ao pai, que também não produz resposta favorável<sup>14</sup>. Esta sequência pode manifestar, do ponto de vista da criança, uma hierarquia familiar, com o lugar de topo ocupado pelo pai.

**3.7** – Mas alguns dos segmentos transcritos são igualmente ilustrativos de um outro tipo de estratégia, não de argumentação, mas de simples insistência. Esta é visível em vários segmentos dos diversos registos, atestando um tipo de relacionamento entre os interlocutores que não seria tipicamente aceitável entre adultos em contextos semelhantes, com uma exposição forte de cada um deles, sem preocupações com a salvaguarda da face de um e de outro, manifestando uma divergência marcante face ao que é o típico acto ilocutório de convite habitualmente configurado. A falta de preservação da face dos interlocutores é igualmente patente no excerto seguinte:

**Situação 11** (registo nº 1)

(21) A – Já telefonei às minhas amigas todas, nenhuma quer ir, mas não é por doença.

As crianças em causa parecem não se dar conta do atentado à face da convidada que esta afirmação constitui, ou da exposição da face da autora do convite, entendendo a asserção como mais um argumento para o fim em vista.

De igual forma, mesmo quando simulam a conversa entre pais, surge a estratégia da ameaça de uso da força (policial, neste caso)<sup>15</sup>:

<sup>13</sup> Cf.: Registo nº 1 (sequência nº 11).

<sup>14</sup> Cf.: Registo nº 1 (sequências nº 25 e seguintes).

<sup>15</sup> Cf.: também “Situação 10”, segmento nº 35, acima.

### **Situação 12** (registo nº 1)

(62) Mãe [A] – Olhe... se não deixar-lhe ir eu vou à sua casa e nem que tenha de levar milhões e milhões de polícias para...

Visto que a força da palavra não demovia a sua interlocutora, e depois da figura da mãe e do pai, a força última a evocar é a da autoridade formal, a par de um outro argumento: o do facto consumado. Neste caso, seria a presença física da mãe da autora do convite, pronta a levar as duas crianças ao cinema, numa imposição física e em contacto não mediado, que poderia vencer a contenda. O mesmo tipo de estratégia está presente na sequência seguinte:

### **Situação 13** (registo nº 2)

(127) A – Olha, vou-te aí buscar.

(128) B – Não.

(129) A – Olha, eu vou-te aí buscar, tu vais ver se vais ou não vais. Olha, também podes convidar um rapaz que tu gostes, ou assim qualquer coisa, está bem?

Também neste caso o argumento do facto consumado se impõe, com a ameaça da presença física do locutor, que não aceita a recusa do convite e age como se tivesse obtido uma resposta positiva.

A ausência de preocupação na preservação da face dos interlocutores ocorre ainda numa sugestão que a autora do convite faz no registo nº 5:

### **Situação 14** (registo nº 5)

(13) B – Sim, sim... Faz qualquer coisa. Fica. Pede-lhe de joelhos. Hum... faz qualquer coisa.

## **4 – Notas finais**

Da análise dos registos que constituem o *corpus*, poderá concluir-se que as crianças intervenientes dominam os mecanismos linguísticos necessários para estruturar o acto ilocutório de convite, incluindo os de cariz antecipatório, e os procedimentos inferenciais que lhes permitem o uso, sem particulares restrições, da indirectão no que diz respeito à

realização deste acto. Foi assinalado o uso de estruturas sintácticas interrogativas e declarativas para o realizar.

As recusas, claramente configuradas como sequências não preferidas, são enquadradas em justificações mais ou menos complexas e credíveis e o jogo dialógico decorre em cooperação. A argumentação, por vezes associada a estratégias de reformulação do convite, mostra-se eficaz, tal como a contra-argumentação, no caso de recusa.

Contudo, há uma dimensão prototípica do desenvolvimento discursivo/convenção ainda não completamente adquirida/aprendida, em particular a que incide sobre competências especificamente sociais, manifestando uma (ainda) incompleta competência comunicativa destas crianças. Em alguns casos, a pura insistência em espaços abertos para argumentação, os atentados à face do interlocutor e a exposição da face própria são disso marcas evidentes. Em algumas sequências, a face do autor do convite é flagrantemente posta em risco, assumindo o convite um cariz vincadamente de pedido (configurando um acto futuro dominado pelo benefício do seu autor); noutros casos, é a face do convidado que é exposta. Mesmo quando simulam a interacção discursiva entre pais, esses atentados à face dos interlocutores são identificáveis, conferindo ao discurso um carácter pouco verosímil.

Um outro aspecto a sublinhar reside na total e significativa ausência de segmentos de agradecimento (do convite ou da sua aceitação), ilustrando um domínio ainda imperfeito de alguns esquemas de acção discursiva com visíveis repercussões sociais.

## **5 – Referências bibliográficas**

Almeida, C. A., 1998, «O acto ilocutório de *oferta* em português», in J. Fonseca (org.) *et al.* (pp. 157-221)

Atkinson, J. M. e Heritage, J. (ed.), (1984) 1996, *Structures of Social Action. Studies in Conversation Analysis*, Cambridge/Paris: Cambridge University Press/Editions de la Maison des Sciences de l'Homme

Brown, P. e Levinson, S., 1978, «Universals in language use: politeness phenomena», in E. Goody (ed.) (pp. 56-289)

Conein, B., 1986, «Conversation et interaction sociale: analyse de séquences d'offre et d'invitation», *Langages*, 81 (pp. 111-120)

Davidson, J., 1984, «Subsequent versions of invitations, offers, requests, and proposals dealing with potential or actual rejection», in J. M. Atkinson e J. Heritage, (1984) 1996 (pp. 102-128)

Fonseca, J., 1994, *Pragmática linguística. Introdução, teoria e descrição do Português*, Porto: Porto Editora

Fonseca, J., 1994a, «Dimensão accional da linguagem e construção do discurso», in J. Fonseca, 1994 (pp. 105-131)

Fonseca, J. (org.), et al., 1998, *A Organização e o Funcionamento dos Discursos. Estudos sobre o Português. Tomo III*, Porto: Porto Editora

Goody, E. (ed.), 1978, *Questions and politeness: strategies in social interaction*, Cambridge: Cambridge University Press

Hancher, M., 1979, «The classification of cooperative illocutionary acts», *Language in society*, Vol. 8, nº1 (pp. 1-14)

Searle, J., (1979) 1982, *Sens et expression. Etudes de théorie des actes du langage*, Paris: Les Editions de Minuit (ed. or.: *Expression and meaning*. Cambridge: Cambridge University Press)

### Anexo: Corpus

**Registo nº 1:** A convida B para ir ao cinema

- (1) A – Mãe vou telefonar... Ó mãe, vou telefonar [pausa] à Regina... ver se quer ir connosco ver o Titanic [disca o número de telefone].
- (2) B – Estou.
- (3) A – Sou eu Regina [pausa], olha.
- (4) B – Hum.
- (5) A – Eu vou, eu vou ao cinema.
- (6) B – Sim.
- (7) A – Queres ir comigo?
- (8) B – Não, não posso.
- (9) A – Olha é... é o Titanic.
- (10) B – Mas eu não posso, estou doente.
- (11) A – Olha, eu também estou rouca, como deves estar-me a ouvir e... e vou na mesma.
- (12) B – Mas a minha mãe não me deixa sair de casa.
- (13) A – Deixa.
- (14) B – Não deixa, não.
- (15) A – Anda lá.
- (16) B – Não.
- (17) A – Olha, vou-te dizer uma coisa. No fim de ver o Titanic vamos ver a Máscara de Ferro.
- (18) B – E eu também não me importa, hum não v... não ia me importar de não ir, não me importo.
- (19) A – Anda lá.
- (20) B – Não.
- (21) A – Já telefonei às minhas amigas todas, nenhuma quer ir, mas não é por doença.
- (22) B – Ah... mas eu estou doente e não posso ir, estou constipada.
- (23) A – Regina, ó Regina, anda, vá lá.
- (24) B – Não posso.
- (25) A – Chama lá a tua mãe.

- (26) B – [grita] Ó mãe, anda cá.  
 (27) Mãe [B] – Está.  
 (28) A – Senh... Olá, sou a amiga... sou a Carolina.  
 (29) Mãe [B] – Sim.  
 (30) A – Ela... ela diz que não pode vir ver a Máscara de Ferro. Desculpe pela voz. E... e o Titanic, porquê?  
 (31) Mãe [B] – Ela está doente sabes, e... e depois fica ainda mais constipada do que está.  
 (32) A – Mas nós vamos estar sempre a ver, vamos andar de carro, ir a correr para o cinema e já está  
 (33) Mãe [B] – Mas ela não pode correr.  
 (34) A – Vai a pé.  
 (35) Mãe [B] – A pé já sei eu que ela vai, mas não pode correr.  
 (36) A – Prontos, vai a pé.  
 (37) Mãe [B] – E... ainda apanha mais porque tem de ir de carro.  
 (38) A – Vai entrar para o cinema. Desculpe, vai entrar para o cinema de carro?  
 (39) Mãe [B] – Não, eu não a deixo ir, porque está sempre a incomodar a tua mãe e isto também não pode ser.  
 (40) A – Deixe, a minha mãe é que se lembrou de lhe telefonar a ela, não eu.  
 (41) Mãe [B] – Ah... mas não, isso aí já é aborrecido, sabes porquê?  
 (42) A – [interrompe] Espera aí que eu vou chamar a minha mãe. [grita] Ó mãe, vem cá!  
 (43) Mãe [A] – Sim.  
 (44) Mãe [B] – Sim.  
 (45) Mãe [A] – Olhe, deixe, ande lá.  
 (46) Mãe [B] – Olhe [pausa] você é a mãe da Carolina, não é?  
 (47) Mãe [A] – É, sou.  
 (48) Mãe [B] – [risos] E... ela não pode ir pelo seguinte: ela tem uma constipação e não pode ir... ela vem... quer ir mas ela não pode.  
 (49) Mãe [A] – Olhe, fui eu mesma que conv... que disse para ela ir telefonar... não eu... não ela. Deixe...  
 (50) Mãe [B] – Não deixo... deixe estar.  
 (51) Mãe [A] – Deixe.  
 (52) Mãe [B] – Não deixo... Já lhe expliquei porquê... e eu... e depois ... o pai dela começa a resmungar que... que vai sempre para a casa da amiga e depois ainda lhe bate e eu não gosto de complicações.  
 (53) Mãe [A] – Olhe, chame aí o pai dela.  
 (54) Mãe [B] – Está bem, já vai.  
 (55) Pai [B] – Estou.  
 (56) Mãe [A] – Olhe, porque é que não deixa a sua filha divertir-se?  
 (57) Pai [B] – Olhe, mas olhe, eu... ela está constipada e não pode ir.  
 (58) Mãe [A] – Olhe... mas eu sou a mãe dela e peço-lhe implorar e não sei quê mais.  
 (59) Pai [B] – Mas ela já foi ver o filme Titanic.  
 (60) Mãe [A] – Mas ainda não foi ver a Máscara de Ferro.  
 (61) Pai [B] – Mas ela não pode ir.  
 (62) Mãe [A] – Olhe... se não deixar-lhe ir eu vou à sua casa e nem que tenha de levar milhões e milhões de polícias para...  
 (63) Pai [B] – [Interrompe] Não, ela não pode.  
 (64) Mãe [A] – Deixe.  
 (65) Pai [B] – Não deixo.  
 (66) Mãe [A] – Está bem, tchau.

**Registo nº 2:** A convida B para ir ao cinema

- (1) A – Estou, é a Sandra que fala?  
 (2) B – É.  
 (3) A – Olha, queres vir comigo ao cinema?  
 (4) B – Não.  
 (5) A – Porque é que não vens?  
 (6) B – Porque, olha não me apetece, sabes. A minha mãe dói-lhe muito a cabeça. Não quero.  
 (7) A – Ó, anda lá, anda comigo...  
 (8) B – [interrompe] Que filme vais ver?  
 (9) A – Olha, vou ir ver o Titanic.  
 (10) B – Ah... esse não gosto, não vou...  
 (11) A – E... que tal se fôssemos ver outro?

- (12) B – Ai não quero.
- (13) A – Diz... para um que tu gastes muito.
- (14) B – Olha, para mim é o Rato Adormecido, o Rato Adormecido.
- (15) A – O Rato Adormecido? Então podemos ir ver esse.
- (16) B – Ó não, não, a minha mãe...
- (17) A – [interrompe] Ó sim, anda, ó sim anda, por favor.
- (18) B – Não quero.
- (19) A – Eu não posso ir sozinha assim, não gosto de ir sozinha, sabes? Anda lá, anda comigo.
- (20) B – Ó não, arranja outra colega... a Sofia, a Liliana.
- (21) A – Ó, ó não gosto, mas... elas são um bocadinho chatas e tu não, podias vir comigo, já foste tantas vezes porque é que tu não podes?
- (22) B – Mas eu não me apetece.
- (23) A – Eu até convencia a tua mãe e tudo... Anda lá!
- (24) B – Não, não quero.
- (25) A – Ó, por favor.
- (26) B – Ai, não me apetece.
- (27) A – Anda lá, porque é que não vens, Sandra?
- (28) B – Ai, porque não me apetece, dói-me lá muito a cabeça.
- (29) A – Ó anda lá...
- (30) B – [interrompe] E a que horas acaba o filme?
- (31) A – Ah, o filme acaba cedo, demora pouquinho... Anda lá.
- (32) B – Ah não, não hoje não quero ir.
- (33) A – Ó, porquê?
- (34) B – Porque não. Porque não me apetece.
- (35) A – Ó, vais ver! É... também, quando tu me convidares, assim, também não vou. Anda, por favor.
- (36) B – Não quero.
- (37) A – Ó, por favor.
- (38) B – Não quero.
- (39) A – Ó Sandra...
- (40) B – Olha, hoje não me apetece, fica para outro Domingo.
- (41) A – Ó, não é para hoje, Sandra. Também é... é para outro dia.
- (42) B – Ai, isso não posso, não, não quero ir.
- (43) A – Ó porra, não podes ir hoje nem podes ir outro dia... aí que cena.
- (44) B – No Domingo... é que sou capaz, mas também acho que não.
- (45) A – Ó Sandra, tu também não... sempre não, sempre não, sempre não.
- (46) B – Não, já te disse que não e não mesmo.
- (47) A – Ó, mas anda.
- (48) B – Não vou.
- (49) A – Anda.
- (50) B – Não, não quero.
- (51) A – Ó Sandra, eu convenço a tua mãe.
- (52) B – A minha mãe já não me deixa ir ao cinema.
- (53) A – [interrompe] Mas ela diz que nem sequer o viu.
- (54) B – Desde aquele dia que ela disse que tu, que tu... a minha mãe não, a minha mãe, fogo, outro dia tu deixaste-me vir sozinha para casa.
- (55) A – Ó, tu é que me dissesse que não querias vir no carro do meu cunhado, lá tenho culpa...
- (56) B – Ó, o teu cunhado...
- (57) A – [interrompe] Do meu cunhado do... do da minha colega não quiseste vir no carro dela é... envergonhadinha. Eu ia te trazer e tu não quiseste e ela depois disse assim...
- (58) B – E porque não vieste comigo embora?
- (59) A – Ó porque... já me dóia as pernas de estar lá a dançar na festa.
- (60) B – Ai estavas a dançar na festa!
- (61) A – Anda lá, anda, Sandra.
- (62) B – Não.
- (63) A – Anda.
- (64) B – Não.
- (65) A – Anda.
- (66) B – Não.
- (67) A – Porque é que tu não vens? Já estou cheia de dizer.
- (68) B – Porque não quero.



- (69) A – Ó, mas eu convenco a tua mãe.
- (70) B – Olha, nem eu quero ir, nem a minha mãe me vai deixar ir.
- (71) A – Ó...
- (72) B – Já, já me disse.
- (73) A – Ó, mas a minha mãe, mas a minha mãe vai convencer a tua a ver se ela te deixa.
- (74) B – Ó ó ó a minha mãe é que vai-me deixar.
- (75) A – Sim... a tua...
- (76) B – Quanto é que se paga para o cinema?
- (77) A – Ai, não interessa o preço, eu pago.
- (78) B – Não, eu também não tenho dinheiro, também não quero.
- (79) A – Eu pago.
- (80) B – Não quero.
- (81) A – Mas eu pago.
- (82) B – Depois tenho que te dar o dinheiro e tudo.
- (83) A – [interrompe] Não, não tens, prometo que não tens de dar o dinheiro. É de graça, olha, é dado, prontos.
- (84) B – Ó!
- (85) A – Ó, anda por favor. Sou tão tua amiga. Sempre foste minha amiga.
- (86) B – Ó, mas com outra rapariga tu gostavas de ir, não era só comigo.
- (87) A – Não, não gostava, só gostava de ir contigo, porque sabes como são o resto das minhas amigas, não e... então podias vir comigo.
- (88) B – Não, eu não quero, fogo...
- (89) A – Olha, tu bem sabes, olha por exemplo a Susana não dá para ir com ela, ela não percebe nada, começa a falar no meio do filme e alto e a dizer “ai olha para aquilo, se eu estivesse lá não sei quê não sei que mais”, essa cena toda, tu bem sabes, Sandra, podias vir comigo, olha, a Susana, a Celina isso tudo, não prestam para ir com elas.
- (90) B – Ó, a Celina, a Celina também está sempre a falar.
- (91) A – Sempre a comer pipocas no meio do filme, porra essa aí noutro dia... “Ó Raquel, Raquel, eu vou ali e eu Sand...” tu não quiseste ir comigo, então eu não...
- (92) B – Fala mais alto que eu não estou a ouvir nada.
- (93) A – Olha, então eu convidei-a.
- (94) B – Ah...
- (95) A – Para ela vir comigo, já que tu não quiseste ir e ela olha “Ó Raquel, eu vou ali e venho já”. Nunca mais me apareceu lá no filme e eu às voltas, às voltas e às voltas à procura dela. Sabes aonde é que eu a fui encontrar?
- (96) B – Aonde?
- (97) A – Aqui na Póvoa.
- (98) B – Ai, meu Deus, e viste-a com quem ela veio, com quem?
- (99) A – Olha, ela, ela normalmente veio a pé
- (100) B – Ai, meu Deus. E para onde é que vós fostes? A Braga?
- (101) A – Foi de manhã sim, porque foi de manhã e então ela viu que estava dia e que estava um dia bom, ela decidiu logo vir-se embora e ela disse que ia ali e vinha já e então esperei, deixei-me estar lá à espera, esperei, esperei e não a vi. Então eu vim para a Póvoa sem ela, já estava cheinha de medo que ele lhe tivesse acontecido alguma coisa, fui procurar ao hospital e isso tudo, mas ela não estava lá, então eu cheguei lá e disse assim: “Ó Celi... vocês por acaso... viram a Celina?” Eles assim: “Não, não vimos, nem estive aqui nem nada – e eu assim: “Ai Jesus!”. Meteu mesmo medo aquilo. Fogo, depois, vou eu a casa dela à procura dela, estava-me ela na casa dela, vê lá... que foi? Sandra, estás ao telefone?
- (102) B – Estou.
- (103) A – Porque é que estás-te a rir?
- (104) B – Nada, nada, nada não foi nada, não foi nada.
- (105) A – Então, decides vir comigo?
- (106) B – Não.
- (107) A – Ó, porquê?
- (108) B – Porque não.
- (109) A – Ó, mas anda.
- (110) B – Não.
- (111) A – Vou-te aí buscar.
- (112) B – Não.
- (113) A – Ó, vai, por favor.

- (114) B – Não.
- (115) A – Por favor.
- (116) B – Não, não e não.
- (117) A – Sandra.
- (118) B – Ou...
- (119) A – Vens comigo?
- (120) B – Vai com a Susana, lá por ela ter lêndeadas, já não vais com ela.
- (121) A – Ó Sandra, então não vens ou não vens?
- (122) B – Não.
- (123) A – Ó fogo, tu vais ver.
- (124) B – Não.
- (125) A – Anda... anda, Sandra.
- (126) B – Não.
- (127) A – Olha, vou-te aí buscar.
- (128) B – Não.
- (129) A – Olha, eu vou-te aí buscar, tu vais ver se vais ou não vais. Olha, também podes convidar um rapaz que tu gostes, ou assim qualquer coisa, está bem?
- (130) B – Está.
- (131) A – Anda lá, eu deixo. Queres sair?
- (132) B – Quero.
- (133) A – Já vais?
- (134) B – Já.
- (135) A – Estás mesmo decidida?
- (136) B – Estou.
- (137) A – Mesmo?
- (138) B – Sim.
- (139) A – Prometes?
- (140) B – Sim.
- (141) A – Juras?
- (142) B – Juro.
- (143) A – Está, olha, então... já sabes. É verdade, quando é que tu queres? Em que dia é?
- (144) B – Olha, amanhã pode ser?
- (145) A – Ai, quem chegou aqui, tenho que desligar, Sandra.

**Registo nº 3:** A convida B para a sua festa de aniversário; B aceita e pede a A para ir passear com ela

- (1) A – Estou?
- (2) B – Estou.
- (3) A – Ah... quem é que fala?
- (4) B – É a Patrícia.
- (5) A – Olha, era para saber se podes ir à minha festa de anos.
- (6) B – Ai, não sei, ainda vou ter de perguntar à minha mãe.
- (7) A – Olha, se fores é no dia 19 de Março.
- (8) B – Está bem.
- (9) A – Às cinco horas.
- (10) B – Está bem, eu vou perguntar à minha mãe.
- (11) A – Olha, pergunta-lhe já para eu saber. Está bem?
- (12) B – Está bem. Ó mãe [risos] posso ir à festa da Cláudia?
- (13) Mãe [B] – Podes.
- (14) B – Ó Cláudia, olha, posso ir.
- (15) A – Podes?
- (16) B – Sim.
- (17) A – Olha, va... podes trazer o teu jo... o teu jogo, o Monopólio?
- (18) B – Posso.
- (19) A – É que assim jogamos nós... e os meus primos e isso e os meus amigos que vou convidar. Olha, e queres trazer algum amigo teu?
- (20) B – Ó, não, eu vou sozinha.
- (21) A – Está bem [pausa]. Ah, olha, não queres passar hoje pela minha casa? Se puderes.
- (22) B – Está bem, eu depois... Eu vou perguntar agora à minha mãe. Ó mãe posso ir a casa da Cláudia? [risos]

- (23) Mãe [B] – Podes [risos]
- (24) B – Posso.
- (25) A – Está bem, olha, passa aqui às [pausa] três horas mais ou menos.
- (26) B – Está bem.
- (27) A – São quatro, não é? Mas está bem. Ah... está bem, olha, é porque assim estamos descansadas, não temos deveres e isso... podemos brincar.
- (28) B – Está bem.
- (29) A – Está bem e vamos ensaiar uma música e tal para para para assim ensaiarmos para coisar no festival da canção, no festival, sim, no festival da canção.
- (30) B – Está, está bem.
- (31) A – Ah... [pausa]
- (32) B – Olha, Domingo, podes vir passear comigo?
- (33) A – Aonde?
- (34) B – Não sei, ainda vou pensar, depois ligo-te outra vez.
- (35) A – Está bem, mas deixa-me perguntar já à minha mãe. Ó mãe, posso ir no Domingo com a Patrícia passear?
- (36) Mãe [A] – Podes.
- (37) A – Posso.
- (38) B – Hum, está bem.
- (39) A – Tchau.
- (40) B – Tchau .

**Registo nº 4:** A convida B para ir à feira do livro, na casa da Botica.

- (1) A – Estou?
- (2) B – Quem fala?
- (3) A – Ah... é o teu amigo Pedro.
- (4) B – Diz, Pedro.
- (5) A – Olha, eu hoje estou em casa sozinho e telefonei-te para ver se tu querias vir comigo à Casa da Botica, ver a feira do livro.
- (6) B – Não sei, é capaz de a minha mãe deixar ir.
- (7) A – Vai-lhe perguntar se podes, então.
- (8) B – Está. [chama a mãe] – Posso ir com o Pedro à Biblioteca?
- (9) Mãe [B] – Podes.
- (10) B – Eu posso, Pedro.
- (11) A – Então olha, então a que horas está marcado?
- (12) B – Lá para as três horas.
- (13) A – Então depois eu vou à tua casa e depois vamos ver uns livros, está?
- (14) B – Está, olha... passamos lá e depois vamos... ao corp... ao corpo humano, vamos ver assim a enciclopédia portuguesa, o mapa de Portugal e etc., está, Pedro?
- (15) A – Está.
- (16) B – E depois, logo à noite, somos capazes de ir os dois ao cinema.
- (17) A – Está bem.
- (18) B – A tua mãe deixa-te ir?
- (19) A – Deixa.
- (20) B – Tchau.
- (21) A – Tchau.

**Registo nº 5:** B convida A para a sua festa de anos.

- (1) A – Estou? Quem fala?
- (2) B – Olá, Rita. É a Bárbara. Estou-te a telefonar neste momento porque quero convidar-te para a minha festa de anos.
- (3) A – Hum... Acho que não deve ser possível.
- (4) B – Porque é que dizes isso?
- (5) A – Eu vou falar com a minha mãe, está bem?
- (6) B – Ah, pronto, está bem, vai lá falar com ela. [ouvem-se passos]
- (7) B – Que tal?
- (8) A – A minha mãe disse que não me deixava ir.

- (9) B – Não te deixava ir, confusão sabes, olha, eu queria convidar-te para a minha festa [pausa] eu queria convidar-te porque a minha festa vai ser superbestial.
- (10) A – Sabes, olha, a minha mãe não me deixa ir porque... olha, tirei negativa num teste e a minha mãe ficou super zangada comigo, não é?, e então eu... ela está muito zangada e eu não posso e eu não posso estar lá a chateá-la porque ela disse não e pronto está super zangada.
- (11) B – Pois.
- (12) A – Ficou muito mesmo muito zangada.
- (13) B – Sim, sim... Faz qualquer coisa. Fica. Pede-lhe de joelhos. Hum... faz qualquer coisa.
- (14) A – Eu sei, Bárbara, que a tua festa vai ser muito divertida, também gostava de ir, claro, mas olha, acho que vai ser muito difícil.
- (15) B – Pois vai ser muito difícil.
- (16) A – Porque... olha, a minha mãe, olha, está super zangada comigo, sabes porquê?
- (17) B – Porquê?
- (18) A – Porque, olha, eu fiz um teste e então tirei negativa e a minha mãe disse se eu tirasse negativa que me ia cortar tudo, que eu ia levar um grande castigo e então eu tive lá... Oh! Mãe, ah! Sim, vá lá mãe, deixa-me!
- (19) B – Pois, um grande castigo. E essas coisas que gostas de comer, muitas coisas boas.
- (20) A – Pois, eu gostava de ir à tua festa.
- (21) B – E sabes e sabes como é que é a minha mãe faz aqueles...
- (22) A – Bolinhos.
- (23) B – Aqueles bolos recheados de chocolate, pois.
- (24) A – Pois, é muito bom.
- (25) B – É essa a confusão.
- (26) A – Prontos, eu sei. Eu sei como é que é.
- (27) B – Também...
- (28) A – Sabes, mas olha, eu gostava de ir, pronto!
- (29) B – Olha...
- (30) A – Eu também acho compreendo a minha mãe, não? É claro, tirar negativa... Achas claro um castigo e tirar uma nota muito super baixa, não é? Então a minha mãe, como ficou a minha mãe não esperava por aquela negativa no teste, não era? Se a minha mãe, se eu fosse uma aluna muito fraca ou não sei quê, mas eu não sou aluna fraca... que tivesse assim muitas dificuldades, mas eu não... então a minha mãe deu-me um castigo muito grande, então tenho de ficar em casa.
- (31) B – Pois, pois.
- (32) A – Até no este Domingo que vem.
- (33) B – Sim, sim, que é que acontece.
- (34) A – Ia ter uma festa numa outra colega minha.
- (35) B – Ai!
- (36) A – E também não pude ir.
- (37) B – Ai meu Deus!
- (38) A – Pois, e também não posso ir, quer dizer.
- (39) B – Sim, não podes ir, claro. Mas olha, eu também vou-te contar que no ano passado...
- (40) A – Hum hum.
- (41) B – Eu tirei uma negativa muito baixa, tive um por cento.
- (42) A – Ai que horror!
- (43) B – Vês? Um por cento e sabes qual foi o castigo?
- (44) A – Quê?
- (45) B – Não ver televisão, dormir às oito e meia.
- (46) A – O meu castigo também e agora não posso a minha mãe cortou-me a televisão.
- (47) B – Não posso ver televisão.
- (48) A – Tirou-me a televisão do quarto. A minha mãe tirou-me a televisão do quarto.
- (49) B – Ai, meu Deus!
- (50) A – Sabes, eu estou mesmo com um castigo assim pesado. A minha mãe...
- (51) B – Eu não.
- (52) A – A minha não esperava mesmo por aquela negativa. A minha mãe ficou sentida, não é? Claro!
- (53) B – Pois.

- (54) A – Se não, a minha mãe... Achas se ela não ficasse sentida pronto eu pedia-lhe “Ó mãe, não sei, vá lá!” e a minha mãe a sério que ela ficou sentida, porque ela nem sequer é não é não é não e se eu for perguntar ao meu pai ele não deixa, claro que não deixa, Bárbara.
- (55) B – Pois, pois, claro que não deixa, tiraste uma nota muito baixa. Eu sei, ela... eu acho que ela te queria-te deixar ir à minha festa, mas...
- (56) A – Talvez se eu se eu promettesse no teste tirar positiva, mas acho que vai ser muito difícil. É que depois, é assim, eu ainda...
- (57) B – Eu sei.
- (58) A – ...lhe posso prometer que tire, não é?, positiva positiva e tirar negativa, não é? E depois então o castigo é muito, é duro.
- (59) B – É muito doloroso, sim, também já...
- (60) A – Me aconteceu eu dormia às oito e meia, não via televisão.
- (61) B – Pois... Também me tiraram a televisão do meu quarto. Agora só vejo de tarde.
- (62) A – Tiraram-me o bolo.
- (63) B – Também gostava muito de um bolo, dum queque, e ela tirou-me o queque. Ai, meu Deus, não posso beber sumos, só água. E não faz...
- (64) A – É como eu, a minha mãe...
- (65) B – ...as minhas comidas preferidas.
- (66) A – Cortou-me uma coisa A minha mãe me cortou uma coisa a beber ao meio-dia, não posso beber sumo é só água deu-me um castigo mesmo muito grande porque a minha mãe não esperava pela negativa, não é?
- (67) B – Pois não esperava, mas eu quero-te perguntar uma coisa. Mas tu disseste alguma coisa do género que ai mãe estou ans... ó mãe estou ansiosa para ver o teste. Eu acho que vou ter positiva. Eu acho que vou ter positiva.
- (68) A – Não, não eu já estava à espera mais ou menos da negativa. É que vi que o teste para mim foi um bocado difícil, não é?
- (69) B – Pois, pois.
- (70) A – Logo de Matemática! Eu não, pronto, quer dizer, não sou muito fraca, mas também não sou lá muito... não sou das boas alunas a Matemática.
- (71) B – Pois. És daquelas alunas razoáveis, não é?
- (72) A – Mais ou menos.
- (73) B – Pois, sou como eu.
- (74) A – Porque eu, a Matemática, eu não gosto muito de Matemática, mas pronto, este período... mas eu, mesmo que prometa, vai ser um bocado difícil.
- (75) B – Pois.
- (76) A – Agora, talvez se eu a chatear, não é?, e tal.
- (77) B – Pois. É como eu. Sou aluna razoável não sou aquela aluna esperta nem aquela aluna burra.
- (78) A – Excelente, não é?
- (79) B – Sim, não é? Aquela aluna de Excelente nem de Não Satisfaz. Sou aquela aluna razoável.
- (80) A – Normal.
- (81) B – Só que olha, tiraste negativa e, como és a minha melhor amiga, eu queria que tu fosses à minha festa, sabes?
- (82) A – Eu acho que vai ser muito impossível ir.
- (83) B – Sim, impossível. Vai ser mesmo. Como a tua mãe está furiosa...
- (84) A – Que o meu castigo foi doloroso mesmo. Pois, pois, estou mesmo com um castigo. Enorme. Sabes, Bárbara, gostava tanto de ir à tua festa, não sabes como é que eu estou!
- (85) B – Pois.
- (86) A – Gostava mesmo de ir à tua festa de anos, não é? Mas olha, paciência! É assim... é assim...
- (87) B – Na minha festa... Mas convence-a de qualquer jeito.
- (88) A – Mas eu... tentar convencê-la, não é, Bárbara? Olha, então eu vou tentar prometer que tiro positiva no outro teste vou tentar convencê-la. Sim, sim.
- (89) B – Eu telefono-te daqui a um bocado a saber como como as coisas estão.
- (90) A – Está bem. E eu depois já te digo a resposta. Tchau.
- (91)